Espaço reúne governos, seguradoras e instituições financeiras para discutir ampliação da cobertura de seguros, financiamento climático e proteção contra desastres naturais

Ahmet Yaşar presidente da Associação de Seguradoras da Turquia (TSB - Türkiye Sigorta Birliği)

Inspirada no modelo brasileiro desenvolvido pela Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg) durante a COP30, em Belém, a Casa do Seguro da Turquia reúne, na COP31, representantes de governos, instituições financeiras, seguradoras, resseguradoras e comunidade científica. A iniciativa, que foi lançada nesta quarta-feira, 11, busca fortalecer a cooperação internacional para ampliar a proteção financeira contra os impactos das mudanças climáticas e integrar a gestão de riscos às decisões de investimento.

O presidente da Associação de Seguradoras da Turquia (TSB), Ahmet Yaşar, destacou que a criação da Casa do Seguro busca estabelecer uma agenda compartilhada entre os diferentes agentes envolvidos no financiamento climático. A proposta é avançar na construção de soluções que permitam antecipar riscos, ampliar a cobertura securitária e reduzir a exposição financeira de governos, empresas e famílias diante da crescente intensidade dos eventos climáticos extremos.

“É fundamental que governos, comunidade científica, setor financeiro e as indústrias de seguro e resseguro analisem exatamente a mesma base de dados e estabeleçam prioridades convergentes. Criamos a Casa do Seguro justamente com essa finalidade”, disse.

O projeto dá sequência à proposta apresentada pelo mercado segurador brasileiro em Belém, de ampliar a presença dos seguros nas discussões internacionais sobre adaptação climática, prevenção de desastres e financiamento de projetos resilientes.

Durante a abertura do encontro, o vice-ministro do Tesouro e das Finanças da Turquia, Kutluhan Taşkın, ressaltou que as mudanças climáticas representam um risco econômico e financeiro de grandes proporções, com impactos sobre a estabilidade dos mercados, os investimentos e o desenvolvimento sustentável.

Segundo ele, a atuação do setor segurador precisa ir além do pagamento de indenizações, contribuindo para a identificação antecipada de riscos e a mobilização de recursos privados para projetos de adaptação climática, energia renovável e infraestrutura resiliente. “O seguro não é apenas um mecanismo de indenização do dano, mas uma abordagem que viabiliza o compartilhamento de riscos, melhora a previsibilidade e reduz exposições financeiras futuras. Representa também um instrumento indispensável para o financiamento climático”, detalha.

Para a autoridade, a ampliação da cobertura de seguros pode reduzir a pressão sobre as contas públicas, especialmente nos países em desenvolvimento, como a Turquia, onde parte significativa dos prejuízos provocados por catástrofes acaba sendo absorvida pelos governos. “Esses esforços são vitais para que possamos atenuar a fragilidade econômica, preservar a margem de atuação das contas públicas e blindar a resiliência no longo prazo”, conta.

A discussão encontra paralelo no Brasil, onde a ampliação do acesso aos seguros e a redução da lacuna de proteção integram os esforços do setor para democratizar os produtos e fortalecer a capacidade de recuperação financeira da população diante de eventos extremos.

Na Turquia, o mercado segurador registrou ativos de 4,6 trilhões de liras turcas ao final do terceiro trimestre de 2026, com patrimônio líquido de 545 bilhões de liras. Entre janeiro e outubro, a produção de prêmios alcançou 1,2 trilhão de liras. Apesar da dimensão financeira do setor, um dos desafios apontados durante o encontro foi transformar essa capacidade em proteção efetiva para um número maior de pessoas e empresas.

Enchentes provocam perdas seguradas de 14 bilhões de liras

Os impactos recentes dos eventos climáticos extremos também foram apresentados como exemplo da importância da proteção financeira. Em 14 e 15 de outubro, fortes chuvas atingiram Istambul, a região do Mármara e a própria Antália, cidade escolhida para sediar a Conferência do Clima em 2026, provocando danos a residências, empresas e atividades produtivas.

Yaşar destacou a mobilização dos profissionais do setor para acelerar o atendimento aos segurados e a liquidação dos processos. “Atuamos simultaneamente prestando consultoria aos segurados e procedendo à apuração técnica dos prejuízos. A partir de agora, esses processos serão liquidados com máxima agilidade.”

Segundo os dados apresentados pela Associação de Seguradoras da Turquia no lançamento da Casa do Seguro, até 9 de novembro haviam sido comunicados 12.608 sinistros, com perdas seguradas estimadas em aproximadamente 14 bilhões de liras turcas. Desse total, cerca de 12,4 bilhões estavam concentrados em Istambul. As indenizações pagas somavam 1,1 bilhão de liras, enquanto os trabalhos de avaliação dos prejuízos continuavam em andamento.

A atuação do mercado segurador turco encontra paralelo na mobilização das seguradoras brasileiras após as enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em 2024. Na ocasião, o setor participou da avaliação dos danos e do pagamento de indenizações a famílias e empresas afetadas, contribuindo para a recuperação financeira após a catástrofe.

Para o presidente da associação turca, entretanto, a resposta aos desastres não deve se limitar à indenização. A prevenção e o gerenciamento dos riscos precisam orientar o planejamento urbano, os investimentos em infraestrutura e as decisões sobre novos empreendimentos.

A programação da Casa do Seguro na COP31 também contempla discussões sobre seguros paramétricos, mecanismos coletivos de compartilhamento de riscos, proteção da renda agrícola e financiamento de projetos de infraestrutura resiliente.

Fonte: CNseg, em 11.11.2026.